

## OS SACRAMENTAIS, SACRAMENTOS DOS POBRES

*Víctor Codina S. J.*

### I. POPULARIDADE DOS SACRAMENTAIS

Basta ter tido um pouco de experiência pastoral com setores populares, concretamente na América Latina, para constatar a importância dos sacramentais na vida cristã do povo. Além das manifestações de piedade popular que se costuma estudar sob a rubrica de religiosidade popular (peregrinações, festas de padroeiro, procissões...), gostaria de destacar aqui outros elementos mais estreitamente ligados ao mundo dos sacramentos, ainda que não formem parte dos sete sacramentos tridentinos (\*).

No Natal muitas vezes o centro da celebração constitui a adoração do Menino Jesus. Em alguns lugares, o povo leva para a Eucaristia suas imagens do Menino Jesus que, depois da bênção final, recolhem e levam para casa para serem veneradas durante o tempo de Natal. A interpretação que os pastores costumam dar a este costume é variada: para alguns levar o Menino para "ouvir missa" é pura superstição; para outros, é resquício do tempo da Colônia, quando os missionários exigiam dos fiéis que em determinadas festas levassem suas imagens ao templo para assim controlar os possíveis resquícios de idolatria; outros acreditam, com razão, que se trata de uma forma simbólica e sacramental de levar para casa a bênção de Deus, presente de alguma maneira na imagem, uma concepção semelhante à que os orientais têm de seus ícones.

Na Quaresma, as cinzas gozam de grande popularidade, se bem que o povo compreendesse melhor o tradicional "Memento homo...: Recorda-te homem, que és pó e ao pó voltarás", do que o moderno: "Convertei-vos e crede no Evangelho". As cinzas têm algo a ver com a terra e com a morte, mas, na concepção do povo, não parecem estar muito relacionadas à conversão.

---

\* O A. fala, evidentemente, de sua experiência na Bolívia. Os costumes citados não coincidem com os nossos, no Brasil, mas será fácil para o leitor encontrar exemplos análogos (*NdR*).

---

Na Semana Santa, o centro da atenção popular se desloca da palavra e do sacramento pascal para os sacramentais:

— O Domingo de Ramos, certamente a festa mais popular do ano, é para o povo a festa dos ramos, que levam para casa com devoção e guardam durante o ano.

— A Quinta-Feira Santa, em muitos lugares, traz para o povo a novidade da cerimônia do lava-pés; a isto se soma a visita aos "sepulcros".

— A Sexta-Feira Santa é o dia da adoração da cruz e da via sacra; em alguns lugares o povo sobe de madrugada aos montes (calvários), às vezes carregando pedras que simbolizam seus pecados.

— Na Vigília Pascal o centro da devoção popular é a vela e a água benta que levam para casa.

Poderíamos seguir todo o ciclo dos santos (Santo Antônio, Santa Cruz, Candelária, Corpus-Christi, São João, Assunção, Todos os Santos...) e não faríamos senão confirmar nossa constatação.

Recorrendo agora aos quatro sacramentos da religiosidade popular (batismo, primeira eucaristia, matrimônio, exéquias), chamados sacramentos das quatro estações da vida (nascimento, adolescência, maturidade, morte), encontraremos uma série de ritos sacramentais, que variam de lugar para lugar, mas que mostram a riqueza dos sacramentais. O caso mais típico é o relacionamento com a morte: o sacramento da morte para o povo não é a unção, nem a extrema unção, mas as exéquias, o enterro, com todo o ritual funerário adjacente (a casa, na igreja, no caminho, no cemitério, nos aniversários...).

Acrescentamos ainda o rico mundo das bênçãos: da água, da casa, do pão, dos frutos da terra, do campo, dos animais e estábulos, do lugar de trabalho, do automóvel, das crianças, dos enfermos, dos anciões... e teremos desta forma não uma descrição exaustiva dos sacramentais, mas ao menos um marco referencial amplo que pode servir de base para nossa posterior reflexão.

## II. INSUFICIENTE ATENÇÃO TEOLÓGICA E PASTORAL

Este fato merece uma demorada reflexão.

A nível pastoral, o problema se poderia resumir na expressão escutada há pouco dos lábios de um zeloso pároco de uma região suburbana: "Oferecemos ao povo o que não lhe interessa (sacramentos) e ele nos pede o que nós não lhe oferecemos (sacramentais)". Há um desajuste entre a oferta e a procura.

Poderíamos acrescentar que mesmo os sacramentos que o povo pede, são vistos, muitas vezes, mais sob o prisma de sacramentais

---

("sub specie sacramentalium") do que de sacramentos. Assim a eucaristia é para muitos uma forma de rezar pelo seu defunto que necessita do complemento de uma vela e, em alguns lugares, de flores que são levadas, depois da missa, da igreja ao cemitério. O batismo muitas vezes se pede para que a criança não morra. O matrimônio se difere às vezes porque ainda não há dinheiro para se celebrar a festa que vem depois do rito religioso. A unção dos enfermos em alguns lugares é pedida porque o enfermo "não quer morrer" e se espera que depois da unção o Senhor o levará consigo (talvez em consequência do susto de ver o sacerdote em sua casa...).

Não creio exagerado concluir que para o povo (isto é, para os setores humildes culturalmente ligados ao mundo rural, economicamente fracos e pobres...) são mais valiosos os sacramentais do que os sacramentos. Os sacramentais são os sacramentos dos pobres.

Os sacramentos não são de todo compreendidos pelo povo: exigem uma preparação às vezes também ininteligível, acabam sendo com frequência demasiados frios, distantes, hieráticos, afastados da vida. Os sacramentais são mais compreensíveis, simples, variados, ricos de simbolismo, próximos, domésticos, manejáveis, acompanham o ritmo do dia e da vida, são mais palpáveis, familiares, vitais. Possuir uma vela benta em casa é um tesouro, ter água benta é uma graça contínua de Deus, poder ter uma imagem benta que presida a casa é uma permanente proteção do Senhor. Diante disso, o sacramento aparece como pontual, distante, abstrato, mais ligado ao templo do que à vida.

Evidentemente este fato está em aberta contradição com a valoração teórica que o dogma e a teologia nos apresentam sobre os sacramentos: os sacramentais são secundários, periféricos, já que o centro da celebração litúrgica cristã são os sete sacramentos e o cume de todos eles é a eucaristia.

Esta hierarquia objetiva e dogmática de valores se manifesta no tratamento que a teologia dá aos sacramentos e aos sacramentais. Seguramente muitos estudantes de teologia acabam seus estudos sem haver ouvido jamais falar dos sacramentais. Nos manuais clássicos, anteriores ao Vaticano II, ainda podia encontra-se algum apêndice sobre eles, enquanto nos modernos apenas se fala dos sacramentais e se diz que representam um problema difícil de conciliar com o mundo moderno secularizado de hoje .

---

<sup>1</sup> *Mysterium Salutis*, IV/4, Petrópolis 1977, dedica a este tema três páginas, 125-127. O valioso estudo de vários autores, editado por D. BOROBIO, La

---

O Vaticano II fala dos sacramentais na Constituição Dogmática sobre a Liturgia: define-os como “sinais sagrados criados segundo o modelo dos sacramentos, por meio dos quais se expressam efeitos, sobretudo de caráter espiritual obtidos pela intercessão da Igreja” (SC 60), situa-os em torno do mistério pascal de Cristo (SC 61), afirma que devem ser reformados (SC 62 e 79) e sugere que alguns possam ser administrados por leigos (SC 79).

O novo Código de Direito Canônico (1983) também fala dos sacramentais (cân. 1166 – 1172), e já não os define como “coisa ou ações” como no código anterior (cân. 1169), mas como “sinais sagrados” (cân. 1169), conforme o Vaticano II (SC 60). Mantém-se a tradicional divisão anterior (consagrações e dedicações, bênçãos e exorcismos), mas restringindo o uso dos exorcismos (cân. 1172) e ampliando alguns sacramentais aos leigos (cân. 1168). Também foi publicado novo Ritual de Bênçãos (1984), edição vaticana, enriquecendo e atualizando o anterior, conforme o Vaticano II.

Mas, apesar de tudo, continua tendo-se a impressão de que existe uma defasagem entre a postura antes minimalista da liturgia, da legislação oficial e da teologia moderna sobre os sacramentais e o apreço que o povo simples tem por eles. Tampouco a teologia latino-americana refletiu até agora suficientemente sobre este tema.

Para compreender melhor a seriedade dessa aporia entre o dogmático-objetivo e o pastoral-subjetivo, poderíamos iluminá-la e ampliá-la com aquela outra afirmação que Rahner costuma repetir em suas aulas e escritos e que escandalizava a não poucos: ainda que a Igreja seja o caminho querido por Deus para a salvação da humanidade, a maioria seguramente se salva por meio das religiões não-cristãs.

Esta era para Rahner uma evidência histórica, que iluminava o sentido positivo de que a Igreja é sacramento de salvação: a Igreja não é, como a arca de Noé, a tábua de salvação só para os que estão dentro dela, mas o sinal visível e sacramental da vontade salvífica e universal de Deus, que não se limita aos estreitos muros da Igreja. Isto não diminui em nada a excelsa dignidade da Igreja, bem tampouco sua vocação missionária, mas a interpreta de forma diversa do clássico axioma “*extra ecclesiam nulla salus*” (“fora da Igreja não há salvação”). Por isso

---

*celebración de la Iglesia*, em seu primeiro volume (Salamanca 1985), dedica meia página aos sacramentais (p.276), enquanto que o segundo volume (Salamanca 1988), sobre os sacramentos, inclui um estudo sobre as exéquias (J. LLOPIS, 747-760).

---

para Rahner a afirmação da Igreja como sacramento é de grande importância para a teologia e para a Igreja<sup>2</sup>.

De novo nos encontramos frente a um desajuste entre a ordem objetivo-dogmática e a pastoral-subjetiva. O meio de santificação mais digno e santo, objetivamente, não é sempre, subjetivamente, o mais freqüente para a maioria.

Se agora juntamos a afirmação eclesial de Rahner com a nossa sobre os sacramentos, chegaremos a um paradoxo ainda maior: a maior parte da humanidade se salva à margem da Igreja oficial e a maior parte dos que estão na Igreja, chegam a Deus mais pelos sacramentais do que pelos sacramentos.

Fracasso do plano de Deus? Ou, talvez antes, de nossa forma teológica de compreendê-lo e apresentá-lo? As pessoas que escrevem sobre a Igreja e os sacramentos, por coincidência são membros qualificados da Igreja e não costumam viver a dimensão popular da fé.

Seja como for, esta aporia sacramental merece uma resposta mais detida. E é mais um caso de deformação teológica que nasce de não levar suficientemente em conta que os pobres constituem um lugar teológico privilegiado, já que a eles foram revelados os mistérios do Reino (Mt 11,25-27; Lc 10,21). Se a esta consideração de tipo evangélico e teológico acrescentamos o dado sociológico de que, no ano 2000, 80% da humanidade estará no Terceiro Mundo, constituído em sua grande maioria por setores pobres e muito populares, poderemos compreender a importância da questão aqui levantada.

### III. RELEITURA DA TRADIÇÃO SACRAMENTAL

Uma das maiores surpresas para quem pela primeira vez toma conhecimento da sacramentologia é a de constatar que a teologia dos sacramentos e, concretamente, o septenário, não foram elaborados até o séc XII. Nem na Escritura nem na primeira tradição cristã poderemos encontrar uma doutrina sobre os sete sacramentos.

Para as primeiras gerações cristãs, mistério-sacramento tinha um sentido muito mais amplo e rico que o nosso moderno conceito de sacramento. Os primeiros que falaram de sacramentos no sentido estrito,

---

<sup>2</sup> K. RAHNER, "Doctrina conciliar de la Iglesia y realidad futura de la vida cristiana", em: *Escritos de Teología VI*, Madrid 1969, 469-488; ID., *Curso fundamental da fé*. Introdução ao conceito de Cristianismo, São Paulo, 1989, 171-212.

---

foram os canonistas e teólogos do séc XII e concretamente Pedro Lombardo. O primeiro documento do magistério da Igreja sobre os sete sacramentos é a profissão de fé exigida dos Valdenses por Inocêncio III em 1208 (DS 790-797). Não obstante, poucos anos mais tarde, o Concílio Lateranense IV, de 1215, presidido pelo mesmo papa, só fala de quatro sacramentos (DS 802). E em seu cânon 66 parece incluir as exéquias entre os sacramentos.

Durante todo o séc. XII o conceito de sacramento é muito amplo. Incluem-se sob esta rubrica os sacramentos de salvação (*salutaria*), de administração (*ministratoria*), de veneração (*veneratoria*), de preparação (*praeparatoria*). Os sacramentos de salvação seriam os que pouco a pouco desembocariam no septenário, mas em algumas listas parece que o ministério sacerdotal se inclui entre os de preparação e a sepultura entre os de salvação.

Pedro Lombardo começa já a falar de sacramental no sentido estrito<sup>3</sup>. No entanto, a distinção entre sacramentos e sacramentais ainda não é clara. Para São Bernardo, coetâneo de Pedro Lombardo, os sacramentos são tantos que em uma hora não se pode chegar a enumerá-los, e, por isto, num sermão sobre a Ceia, se centra nos três principais: batismo, eucaristia e lava-pés<sup>4</sup>. Para Hugo de São Vítor, também contemporâneo de Pedro Lombardo, são sacramentos a água benta, a imposição de cinzas, a bênção dos ramos e das velas, o toque dos sinos para chamar os fiéis etc.<sup>5</sup>. Enquanto para a escola de Aberlardo os sacramentos eram apenas três ou quatro. Só no séc. XIII, com as grandes Sumas de Alexandre de Hales, Boaventura e Tomas de Aquino, se chegará a estabelecer e a difundir o número septenário dos sacramentos. Esta doutrina encontramos já no II Concílio de Lyon (1274), no de Florença (1439) e logo, de forma definitiva, em Trento (DS 1601). Mas mesmo assim é preciso destacar que o número septenário tem um sentido não só aritmético, mas simbólico, soma de três mais quatro, que significa plenitude.

---

<sup>3</sup> PL 192, 855. Mais tarde passará a Santo TOMÁS, *Summa Theol.* III, q. 65, ad 3 e I-II, q. 108, a. 2, ad 2.

<sup>4</sup> Sancti BERNARDI *Opera* V (ed. Cister), Roma 1968, 68, 7-8. Para que não se estranhe esta valorização sacramental do lava-pés, devemos recordar que os Padres da Igreja sempre tiveram grande apreço a este rito, com plena fundamentação bíblica. A ele, especialmente em Milão, se concedia grande eficácia de purificação.

<sup>5</sup> PL 176, 471 D.

---

Depois de Trento estudam-se os sacramentais como tratado próprio e independente dos sacramentos (Suárez) e no séc. XIX, há inclusive um tratado especial *De sacramentalibus in genere*. O movimento litúrgico (Guardini, Parsch...) situa os sacramentais dentro da teologia da liturgia, intuição recolhida pelo Vaticano II<sup>6</sup>.

A renovação da moderna sacramentologia veio em grande parte da noção de Igreja sacramento (Rahner, Semmelroth...) que provocou uma releitura dos sete sacramentos a partir da sacramentalidade eclesial, mas quase não se fez esta mesma releitura para os sacramentais. Repete-se que os sacramentos têm eficácia *ex opere operato*, enquanto os sacramentais só têm eficácia *ex opere operantis ecclesiae*, mas não se refletiu ainda sobre sua mútua conexão.

Resumindo brevemente todo este processo histórico, poderíamos dizer que durante todo o primeiro milênio da Igreja o conceito de sacramento é sumamente amplo, concluindo tanto os nossos sacramentos como os sacramentais. Desde o séc. XI se estabelece uma hierarquia entre sacramentos maiores e menores. Isto conduzirá a distinguir o septenário sacramental dos sacramentais, sem chegar contudo à ruptura que desde Trento se irá lentamente configurando entre ambos os sinais sacramentais, interpretando o número septenário de forma excessivamente aritmética e pouco simbólica.

Para o povo os sacramentais tiveram sempre uma grande importância, sobretudo na Idade Média, quando vivia em situações de pobreza, incerteza, medo do demônio. O sacramental materializa a bênção divina, que de algum modo emanava do objeto bento. Os frutos que se buscava obter através do sacramental não eram unicamente espirituais mas também — e talvez principalmente — temporais: saúde, boa colheita, paz...<sup>7</sup>.

A partir deste panorama pergunta-se se é possível ter acesso aos sacramentais a partir da atual situação teológica, ou se seria antes necessário voltar à tradição do primeiro milênio, reinterpretando-a com categorias não exclusivamente tridentinas

---

<sup>6</sup> Veja-se, para a parte da evolução histórica, M. LOEHRER, "Sacramentales", em: *Sacramentum Mundi VI*, Barcelona 1976, 158-164; J. M. CASTILLO, *Símbolos de Libertad*, Salamanca 1981, 375-401.

<sup>7</sup> A. G. MARTIMORT, *La Iglesia en oración*, Barcelona 1987, 850-860.

---

## IV. NOVA REFLEXÃO TEOLÓGICA

Poderíamos ter acesso a esta nova reflexão a partir de diversos ângulos: da categoria de Reino de Deus, da oração eclesial, da cosmologia teológica, do conceito bíblico de benção e da teologia da misericórdia. Procuremos obter esse acesso.

### 1. Reino de Deus

A categoria central para termos acesso a esta releitura teológica dos sacramentais pode ser a de Reino de Deus, que é o horizonte último da pregação e atividade do Jesus histórico, que constitui o verdadeiro "mysterium" da revelação, como aparece por exemplo nos escritos paulinos (Ef 1-3); 1 Tm 3,9.16; Rm 16,25-27; 1 Co 2,6-10; 2 Ts 2,7; Cl 1,27) e cuja plenitude escatológica se dará no final dos tempos (Ap 1,20, 10,7; 17,5).

O Reino de Deus é o grande plano de Deus ao criar o mundo, é a Trindade *ad extra*, é estender o mistério da *koinonia* trinitária à história, é fazer da humanidade uma família reconciliada, fraterna, em Cristo e pelo Espírito. Este Reino, anunciado pelos profetas, se aproxima de nós em Cristo e em seu mistério pascal alcança sua realização escatológica inicial.

Este é o "sacramentum originale", o proto-sacramento, do qual deriva toda sacramentalidade. Precisamente por ser Mistério, só pode ser abordado simbolicamente tanto a nível intelectual como a nível vital. Parábolas, milagres, sinais, são as únicas formas disponíveis para termos acesso ao Reino de Deus.

Mas o Reino de Deus se dirige preferencialmente aos pobres, aos aflitos, aos injustamente oprimidos, aos pecadores, humildes, pequenos. É um Reino de graça e misericórdia. Por isso, aos pobres se deve anunciar prioritariamente esta boa notícia (Lc 7,20-23), e Jesus exulta de alegria pelo beneplácito do Pai de revelar este mistério aos pequenos e humildes (Lc 10,21-22; Mt 11,25-26).

Dá que todo símbolo concreto que aproxime e manifeste o Reino, sobretudo aos pobres, possa ser chamado sacramental.

Uma releitura não só da Bíblia mas da história das religiões, a partir desta ótica, nos daria uma perspectiva sumamente ecumênica. Símbolos e gestos rituais não só de Israel (patriarcas, profetas, reis, sacerdotes, povo...) mas das grandes religiões da humanidade (hinduísmo, budismo, islã, incas, maias, astecas...) adquirem um peso sacramental insuspeitado. São caminhos sensíveis, providenciais, através dos quais o homem se aproxima de Deus, pede perdão e proteção, confia, espera, ama.



---

Estes símbolos, ordinariamente comunitários, vêm prescritos ou aconselhados pelas grandes comunidades ou instituições religiosas. Evidentemente não se trata de igualar todos estes símbolos, nem de cair num fácil relativismo religioso, ou de esquecer a corrupção do pecado. Mas tampouco podemos depreciá-los por não chegarem à plenitude do septenário sacramental católico. A proto-sacramentalidade da Igreja ficará ampliada pela sacramentalidade das outras comunidades religiosas e do cosmos. Durante milênios a humanidade chegou a Deus através da terra, do céu, dos astros, dos rios, do mar, das refeições religiosas, dos ritos de transição (ritos de passagem) etc. O submergir-se no Ganges dos hindus, a viagem a Meca dos muçulmanos, os mistérios rituais de Machu Picchu ou das pirâmides astecas, têm dimensão não só religiosa mas também sacramental.

E quanto mais simples, populares, comunitários e cósmicos forem estes ritos, tanto mais cumprem sua função sacramental, sua aproximação do Reino de Deus. A hemorragia que toca a orla do manto de Jesus (Mt 9,20) ou a unção de Maria em Betânia (Jo 12) ou o lava-pés (Jo 13), são gestos sacramentais de grande densidade teológica. A Pedro se diz que se não deixa lavar os pés, não terá parte com Jesus (Jo 13,8). Não estavam tão equivocados os Padres que ampliavam com generosidade o número septenário dos sacramentos, nem os que consideravam o lava-pés como um sacramento da Nova Aliança. Santo Tomás, com grande agudeza, afirmava que os rudes (isto é, os simples, ignorantes e pobres) vivem o mistério da fé através das celebrações litúrgicas da Igreja, que têm uma dimensão sacramental num sentido muito amplo<sup>8</sup>.

Da sacramentologia original e fundamental do Reino, adquirem sentido todos os sacramentos. Os sacramentos não são as únicas formas válidas de expressar a vida eclesial.

## 2. A oração eclesial

Afirma-se que o sacramento tem eficácia *ex opere operato* e o sacramental somente *ex opere operantis ecclesiae*. é necessário, no entanto, unir mais estreitamente ambas as dimensões da sacramentalidade.

No fundo, o *ex opere operato* não é mais que o grau máximo da oração eclesial, nos momentos culminantes da vida do cristão e da comunidade. São os momentos especialmente solenes, oficiais, festivos, importantes da vida eclesial. Mas, em última análise, todo gesto sacramental e litúrgico da Igreja é oração eclesial, é súplica ao Pai em Cristo,

---

<sup>8</sup> "de quibus ecclesia festa facit". *De Veritate* q. 14, a. 11.

---

é epiclesse do Espírito Santo em vista do Reino de Deus.

Tanto pastoral como teologicamente seria preciso passar dos sacramentais aos sacramentos e não ao contrário. Do mesmo modo seria preciso afirmar que a Igreja é sacramento de salvação a partir da história das religiões, e não ao contrário. Os sacramentais não são formas degradadas de sacramentalidade, senão que os sacramentos são a culminação dos sacramentais.

Seria preciso ajudar a passar das cinzas ao sacramento da reconciliação eclesial, do fogo e da água benta ao batismo, do mesmo modo como passamos do Antigo ao Novo Testamento e o Espírito nos conduz cada diz a uma verdade mais plena (Jo 16,13). Seria preciso manter e prosseguir a pedagogia divina da História da Salvação (DV 15), pedagogia paciente e misericordiosa, que parte sempre de baixo, dos pobres e pequenos, que une mais que separa, que integra e não divide.

Tanto na sacramentologia dogmática como na pastoral se deveria começar pelos sacramentais, sacramentos dos pobres, e lentamente ir acedendo aos sacramentos do septenário clássico aos quais eles se ordenam e dos quais recebem sua força. Assim se evitará que a preocupação excessiva pela ortodoxia teórica do mais perfeito objetivamente nos leve a descuidar o realmente e historicamente possível em cada momento.

Concretamente o clamor do povo pobre a Deus, suscitado pelo Espírito é a grande epiclesse sacramental que sobe ao Pai por meio da Igreja e comove suas entranhas de misericórdia. Tudo isto alcança sua plenitude simbólica e sacramental nos sacramentos *ex opere operato*, do mesmo modo que a Igreja é sacramento da vontade salvífica universal de Deus. Isto nos leva a ver o sacramental como oração eclesial do povo cristão, e não mais como uma forma degradada e empobrecida dos sete sacramentos.

Se a oração é o clamor do povo a Deus, o sacramental é o clamor do povo feito símbolo, a simbólica do desejo convertida em prece da Igreja. Quando este clamor alcança sua máxima densidade e se converte em oração solene da Igreja, temos um sacramento no sentido estrito do termo. Mas o sacramental é já epiclesse eclesial, clamor do povo a Deus.

### 3. Cosmologia teológica

Este capítulo um tanto esquecido na teologia ocidental deveria iluminar todo o mundo do sacramental e, concretamente, os sacramentais. Um grande racionalismo ainda contamina o pensamento cristão. A visão pessimista agostiniana sobre a criação, o corpo e a matéria, influxos dualistas de origem maniqueia, a desconfiança da criação corrompida

---

pelo pecado, herança da Reforma, tudo isso nos leva a pensar que quanto menos material seja a nossa oração, tanto mais pura e incontaminada ela é, tanto mais sobrenatural.

O mundo oriental, o Oriente cristão, manteve uma visão muito mais integral da salvação em que o cósmico desempenha um papel muito importante. É preciso elaborar um capítulo de cosmologia teológica no qual se integre a criação do cosmos, sua queda, a encarnação de Cristo, a ressurreição, a consumação escatológica do último dia, tudo isto imbuído da força vivificadora do Espírito que tudo transfigura. O cosmos é um ícone sagrado. Os sacramentos são momentos especialmente densos desta cosmologia teológica, lugares onde se antecipa a transfiguração do cosmos. Tudo isto vale em sua medida para os sacramentais. Cristo ao descer em seu batismo às águas do Jordão, começa já a purificar todo o cosmos, antecipando liturgicamente o que realizará no mistério pascal. Os céus e a terra, a água, o arco-íris, os frutos do campo e do trabalho dos homens, se convertem em símbolos sacramentais da Nova Terra renovada pela ressurreição<sup>9</sup>.

Dentro desta cosmologia cristã é necessário integrar a noção de salvação de forma plena. A divisão entre efeitos espirituais e temporais dos sacramentos é empobrecida e supõe uma visão dualista da salvação. A noção bíblica de salvação, intimamente ligada com a de saúde, da qual toma sua origem, é uma noção que inclui toda a libertação do pecado, do mal e da morte. A salvação tem a sua plenitude no Reino de Deus, que é a consumação total da vida, e que, portanto, inclui o temporal e o espiritual que são, de algum modo, inseparáveis.

O povo, sobretudo o povo pobre, nos dá uma lição de realismo cristão, não separando ambas as dimensões. Seguramente os que não têm a vida em perigo, podem pedir que o pobre se limite ao espiritual em suas petições sacramentais. Mas quem sente a vida ameaçada continuamente e em tudo, necessita da proteção de Deus em todos os âmbitos da existência. Talvez alguns se escandalizem de ver como os pobres desejam que a água benta os atinja e chegue a tocá-los ou, em alguns casos, venham até mesmo a bebê-la. Mas este escândalo é farisaico, de quem não padece fome nem sabe o que é sobreviver num mundo de pobreza, enfermidade e em contínua ameaça. Mas quando o poder-

---

<sup>9</sup> Pode-se um ensaio desta cosmologia teológica no capítulo de S. CHARALAMBIDIS sobre cosmologia cristã, em: B. LAURET — F. REFOULÉ (ed.): *Iniciación a la práctica de la teología III*, Dogmática 2, Madrid 1985, 19-53, com as contribuições da teologia oriental de O. Clément. P. Evdokimov, J. Meyendorf, J. Zizioulas, S. Boulgakov, etc. Veja-se também o número 186 (1983) de *Concilium*, dedicado a *Cosmologia e Teologia*.

---

so se vê em perigo e se sente impotente (enfermidade, morte...) também muitas vezes recorre à "velinha" ou à imagem protetora...

Este tema, brevemente enunciado, nos leva à teologia das bênçãos.

#### 4. A teologia da bênção

Os sacramentais estão ordinariamente ligados às bênçãos. A bênção no Antigo Testamento é a comunicação da força e do poder de Deus através de sua palavra e da de seus ministros (Gn 1; 9; 12; 17; 22; 26; 28; 48; 49; Lv 7,27; Nm 6,22-26...). A bênção (*berakah*) produz abundância, fertilidade, bem-estar, saúde, paz (*shalon*). Podemos dizer sinteticamente que a bênção comunica vida divina aos humanos e é um dom de Deus da vida, que chega de algum modo a todos os viventes. O oposto à bênção é a maldição, sinal de morte, que às vezes é pronunciada pelos profetas (Jr 25, 5-6). O homem bíblico se encontra entre a vida e a morte (Dt 30,19) e deve escolher um desses caminhos.

No Novo Testamento, Jesus, Palavra de Deus, abençoa (a crianças, enfermos...) e com sua autoridade expulsa demônios (Mc 1,21-28; Mt 12,28...), chama bem-aventurados os pobres e lança terríveis maldições contra os ricos (Lc 6,20-26), antecipando assim o juízo escatológico (Mt 21,18-19). A eficácia de sua palavra passa aos discípulos que participam de seu poder libertador que denuncia o mal, comunica a salvação e antecipa de algum modo o juízo de Deus (Rm 15,19; 2 Co 12,12; At 8,18-28). Poderíamos dizer que a bênção antecipa o Reino de Deus, comunica a vida e o Espírito, liberta da morte e do maligno.

A bênção de coisas simboliza e condensa esta eficácia da Palavra, fazendo com que a criação fique como que impregnada e carregada da força vivificadora do Senhor, para o bem do homem. A bênção tem uma dimensão sacramental<sup>10</sup>.

A bênção é certamente louvor e ação de graças, eucaristia, mas sempre unida à petição ou inclusive ao exorcismo. A bênção está intimamente ligada à impotência humana, à pobreza. Os ricos e os poderosos talvez vejam o mundo das bênçãos como superstição e preferam o louvor à petição. Os pobres ao contrário, clamam ao Senhor e confiam na força vivificante de sua Palavra que os abençoa e os toca inclusive sensorialmente.

---

<sup>10</sup> Veja-se o número 198 (1985) de *Concilium* sobre a bênção como poder.

---

Nos sacramentais, o clamor do pobre através da Igreja, se converte em petição, em epiclesse ao Espírito. As coisas bentas são um sinal sacramental da força vivificadora da Palavra de Deus através da Igreja. O fruto do sacramento é a bênção de Deus, a vida, a participação do Reino.

Desde essa ótica, as bem-aventuranças e maldições bíblicas podem se entendidas não só de forma sapiencial, mas também de forma profética: dá a vida aos pobres e despede os ricos de mãos vazias, como canta Maria no Magnificat de Lucas (Lc 1,51-53).

### 5. Teologia da misericórdia

Chegamos ao último ponto de nossa reflexão teológica. Todo esse rico e variado mundo dos sacramentais não é compreensível se não nos aproximamos dele com uma atitude de misericórdia, com um *intellectus misericordiae*, típico da Teologia da Libertação<sup>11</sup>.

Em primeiro lugar sem uma aproximação misericordiosa do mundo dos pobres, os sacramentais parecerão supérfluos, supersticiosos, profanos. Mas a partir da misericórdia se vê por detrás do pedido do povo por sacramentais, todo um mundo de impotência, dor, pobreza e injustiça, não só metafísica, mas histórica.

Mas sobretudo, os sacramentais nos aproximam da misericórdia de Deus, de suas entranhas de misericórdia, com que acolheu Israel (Lc 1,54), com que Jesus se compadece das multidões cansadas e abatidas como ovelhas sem pastor (Mt 9,34, ao acabar a secção narrativa de milagres que começa em Mt 8).

Certamente os sacramentais deveriam ser evangelizados, encadeados com os sacramentos, orientados ao reconhecimento dos benefícios de Deus e à tomada de consciência do compromisso que o cristão tem com o mundo, como aconselha Puebla (962). Mas não se poderá esquecer que são os sacramentos dos pobres e que formam parte de uma teologia e pastoral da misericórdia, ou se preferirmos, da libertação. Isso deverá levar também a reformar os sacramentos e a ampliar aos leigos muitas bênçãos até agora ligadas ao sacerdócio. Em qualquer caso a Igreja local tem aqui uma grande tarefa pastoral a realizar.

E se queremos que os sete sacramentos clássicos não degenerem em ritos vazios, deveremos fazer também deles símbolos proféticos da misericórdia do Reino em estreita conexão com o clamor do povo.

---

<sup>11</sup> Jon SOBRINO, "Como fazer teologia. Proposta metodológica a partir da realidade salvadorenha e latino-americana", em: *Persp. Teol.* 21 (1989) 285-303.

---

O sacramental é o clamor do povo feito operação simbólica que sobe — epicleticamente — a Deus por meio da Igreja e que desce sobre o povo em forma de bênção (*ex opere operantis ecclesiae*). Esta bênção atualiza eclesialmente as bem-aventuranças (dos pobres é o Reino dos Céus) e antecipa cósmica e historicamente o Reino de Deus, o triunfo da vida sobre a morte. E tudo isto pelas entranhas de misericórdia de nosso Deus.

É uma pedagogia para levar à eucaristia e à transformação do mundo em uma Nova Terra pela força do Espírito. Seu núcleo último é pascal, mistério de cruz e de ressurreição. Cristo em sua morte e ressurreição renovou a criação.

Os destinatários privilegiados dos sacramentais são os pobres, isto é, a maior parte da humanidade.

Talvez a partir desta sacramentalidade dos pobres, “marginal” e “periférica” se possa renovar a teologia dos sacramentos e diminuir a distância existente entre a oferta eclesial e a demanda popular.

Os sacramentais dos pobres podem evangelizar a teologia e a pastoral dos sete sacramentos. Os pobres sempre evangelizam.

(Tradução: Nilo Ribeiro Júnior S.J.)

---

---

Víctor Codina S.J. é doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma). Durante 18 anos foi catedrático de Teologia Espiritual e Dogmática na Faculdade de Teologia de Barcelona (Espanha). Desde 1982 reside na Bolívia. Atualmente atua na formação teológica dos jesuítas. Entre suas obras, destaquem-se: *Teología y experiencia espiritual*, Santander 1977; *Renacer para a solidariedade* (tr. br.), São Paulo 1984; *De la modernidad a la solidaridad*, Lima 1985.

Endereço: Casilla 2151 — Cochabamba — Bolívia